Embaixada dos Estados Unidos da América

LIBERDADE DE VIVER SEM MEDO:

criando espaços seguros para a juventude LGBT

Membros da PFLAG marcham com seus cartazes na parada PrideFest 2005 em St. Louis. © *AP Images/James A. Finley*

Apesar dos recentes progressos sociais e legais, as lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros (LGBT) continuam a enfrentar a intolerância e a desigualdade ao redor do mundo. A juventude LGBT em particular, enfrenta discriminação, assédio e violência em suas comunidades, na escola e em casa. Resultado: muitos deles vivem com medo.

Nos Estados Unidos, diversas organizações de base têm surgido para combater o preconceito, educar as comunidades e assegurar a segurança e o bem-estar da juventude LGBT.

Apoiando a juventude

Aram Vartian, um cinegrafista da região de Washington, lutou para aceitar sua orientação sexual e o medo de rejeição por parte da sua família e amigos durante a adolescência. "Eu tinha 14 anos quando isso realmente ficou claro – quando eu comecei a chegar em casa e chorar, quando eu realmente estava buscando uma saída, quando me senti preso", disse ele.

Aram encontrou apoio na Liga de Apoio para a Minoria Sexual Jovem (SMYAL), uma organização sem fins lucrativos que oferece atividades extraescolares, grupos de apoio e oportunidades de desenvolvimento de liderança para jovens LGBT.

"Eu nunca tinha entrado em uma sala de aula e me sentido seguro", ele diz. "Antes, nunca houve uma ocasião em que eu tivesse entrado em uma sala de aula com outros alunos em que cada um deles me desse atenção – ou ficasse feliz por eu estar ali."

"O processo de assumir a sua orientação sexual pode ser muito solitário", diz Andrew Barnett, diretor executivo da SMYAL. As organizações como a SMYAL oferecem a juventude LGBT uma

oportunidade de se encontrar com outros que estão enfrentando os mesmos desafios.

De acordo com Barnett, "a juventude LGBT enfrenta muitas dificuldades que reduzem a probabilidade de se transformarem em adultos felizes, saudáveis e membros produtivos da sociedade." Eles enfrentam riscos reais na forma de "assédio, vitimização, [e] violência", bem como "o trauma emocional que pode resultar da rejeição por parte da própria família".

Portanto, diz Barnett, o acesso a espaços seguros – locais onde os jovens LGBTs "podem se sentir livres para expressar suas orientações sexuais, sua identidade sexual, bem como as demais dimensões do seu ser, sem medo" – é essencial para o desenvolvimento adequado.

Vartian concorda. "O medo é esmagador", ele diz, "e sem segurança, sem um local aonde as crianças possam ir e apenas se sentir confortáveis, possam ser quem são, possam crescer".

Educando as comunidades

Assim como Vartian, a aluna formada pela Universidade de Maryland, Elysha Valera lutou para assumir a sua preferência sexual na adolescência. "Eu estava em um lugar muito sombrio naquele momento da minha vida", ela diz.

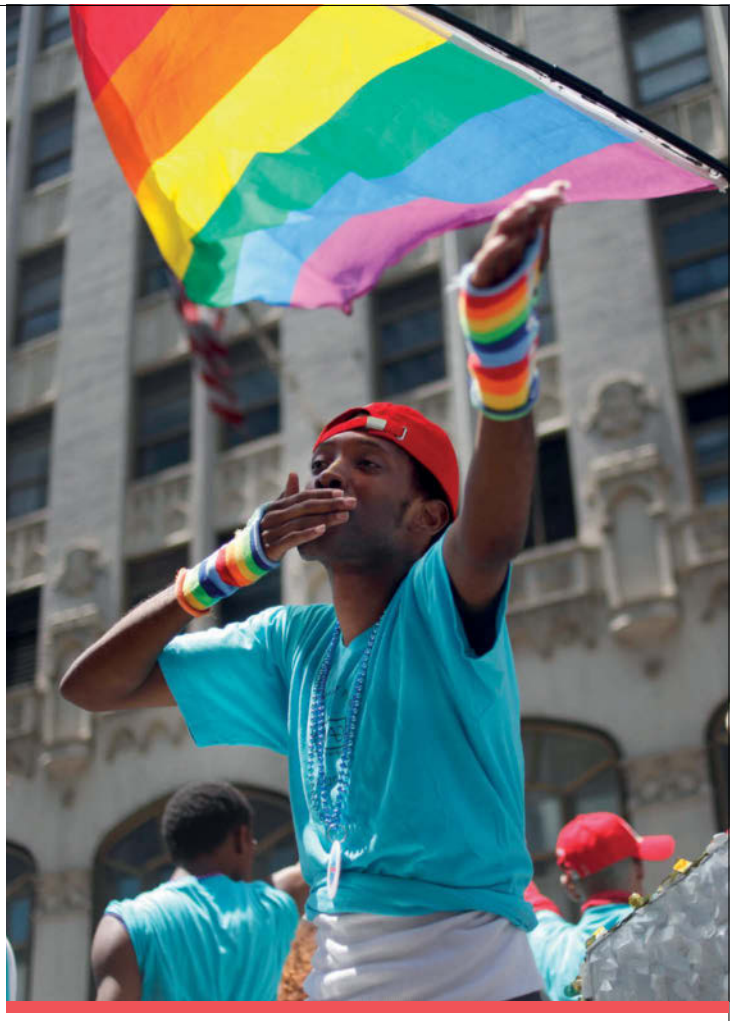
"Eu realmente não sabia como dizer às pessoas", diz Valera. "Eu mantinha um diário e essa era a forma como eu expressava meus pensamentos e todo o meu desespero."

Quando entrou na faculdade, porém, Valera descobriu seu espaço seguro no Centro de Equidade para LGBTs da universidade. "Lá eu descobri um círculo de amigos – pessoas com as quais eu podia me relacionar."

"Ter um espaço visivelmente seguro me diz que eu posso ser eu mesma, que posso conversar sobre tudo o que preciso conversar e, se houver um problema, posso buscar ajuda e resolvê-lo", diz o diretor do centro, Luke S. Jensen, Ph.D.

O centro serve como uma conexão entre os alunos LGBT com os recursos que eles precisam no campus. "Também tentamos incentivar a comunidade e encorajar a liderança", diz Jensen, "por que queremos que os nossos alunos aprendam como se defender e como defender os outros".

Valera tornou-se defensora produzindo e dirigindo o primeiro Monólogos Queer, uma série de performances da vida real tratando dos desafios de assumir a sua preferência sexual e viver como um indivíduo LGBT. "Fizemos muito progresso nos Estados Unidos, mas ainda temos um longo caminho a trilhar", ela diz. "Havia uma necessidade de as pessoas ouvirem as nossas histórias."



Homem joga beijos aos espectadores durante a Parada Gay anual de Nova York em 2009.
© AP Images/Seth Wenig

Os Monólogos foram um sucesso junto à comunidade – e com os pais de Valera. Embora tenham se sentido constrangidos no início com a orientação sexual de Valera, eles demonstraram apoio ao comparecer às suas performances. "Aposto que meu pai deve ter chorado também em algum momento", diz ela.

Defendendo as mudanças

Joubert X. Glover, um recém-formado pelo Instituto de Tecnologia de Massachusetts não teve tanta sorte. Ele lutou por meses pensando em como contar para seus pais.

Criando espaços seguros para a juventude LGBT

Quando finalmente criou coragem para contar a eles, eles ficaram furiosos. Eles o condenaram por "escolher" um estilo de vida alternativo e o retiram temporariamente da escola. Ele ficou arrasado. "Eram meu pai e minha mãe e eles deveriam estar lá para me apoiar", ele diz.

Glover procurou a G@MIT, uma organização LGBT no campus, para ajuda. "Posso ir lá, posso conversar com outras pessoas e posso dizer, 'Sabe de uma coisa? Estou me sentindo ótimo hoje', sem ser julgado", ele diz. "Meu espaço seguro também eram meus amigos no trabalho, eles também eram meus mentores."

Ele direcionou suas energias para se tornar defensor de mudanças e desenvolveu suas habilidades de liderança no acampamento de verão de cinco dias para a juventude LGBT, patrocinado pela organização sem fins lucrativos, a Campus Pride. "Essa foi uma ótima experiência", ele diz. "Eu aprendi muito sobre as pessoas; aprendi muito a respeito de mim mesmo."

"Eu quero tentar ajudar outras pessoas (...) a saber que elas são amadas e que as pessoas se preocupam com elas antes, durante e depois de todo esse processo", diz Glover.

Seus pais ainda não lhe dão apoio, mas ele continua esperançoso. "Nós rastejamos e depois andamos e depois corremos", ele diz. "Eu estou andando. Correndo devagar, talvez."

Mulher agita uma bandeira na Parada do Orgulho Gay da cidade de Nova York em 2009. A comemoração marcou o 40º aniversário das greves das manifestações de Stonewall , uma série de revoltas decorrentes de uma blitz a um bar gay em Greenwich Village que se tornou um divisor de águas para o movimento dos direitos da comunidade LGBT. © *AP Images/Seth Wenig*

RECURSOS

Fundo de Igualdade Global: Iniciativa de cooperação do Departamento de Estado que visa empoderar a comunidade LGBT a viver livremente e sem discriminação. Apóia programas que promovem os direitos humanos das pessoas LGBT ao redor do mundo.
www.state.gov/globalequality

Orgulho Gay no Campus: Desenvolve e apoia a comunidade LGBT e aproxima os líderes estudantis com organizações com o fim de criar campi universitários e de faculdades mais inclusivos, mais seguros; produz o Índice para medir se o campus é amistoso para a população LGBT a fim decontribuir que as instituições de ensino superior melhorem a convivência nos campi.
www.campuspride.org

Consórcio de profissionais em recursos LGBT para o ensino superior: promove ambientes amistosos para a comunidade LGBT no ensino superior ao apoiar o corpo docente e os funcionários, criar currículo e defender mudanças nas políticas, desenvolver programas e estabelecer escritórios e centros LGBT.
www.LGBTcampus.org

Rede de Educação a Gays, Lésbicas e Héteros (GLSEN): busca por um fim na discriminação, no assédio e no bullying nas escolas de ensino fundamental e médio.
www.glsen.org

Rede de Coalizão entre Gays e Héteros: faz a conexão entre as coalizões de heterossexuais e gays lideradas pelos estudantes nas escolas de ensino médio com os campi das faculdades, e com os recursos da comunidade
www.gsanetwork.org

Dia Internacional contra a Homofobia e a Transfobia (IDAHO): comemorado ao redor do mundo sempre em 17 de maio. Comemora o dia em que a Organização Mundial da Saúde retirou a homossexualidade da sua lista de distúrbios mentais e pediu o fim da discriminação mundial da homossexualidade.
www.dayagainsthomophobia.org

Pais, Famílias e Amigos de Lésbicas e Gays (PFLAG): apoia as famílias, educa as comunidades e defende mudanças em seus 350 filiais locais nos Estados Unidos e no exterior.
www.pflag.org

Capacitando as famílias

"A dor com a qual muitos membros da família estão lidando é muito comum", diz Jody Huckaby, diretora executiva da Pais e Amigos de Lésbicas e Gays (PFLAG).

"Para alguns pais, a primeira vez que eles entram pela porta de uma sala da PFLAG, aquele é realmente um lugar seguro para eles falarem de modo honesto e aberto a respeito dos desafios que estão enfrentando em relação à realidade de ter uma pessoa amada que é LGBT", diz ele. "Para nós, 'local seguro' é realmente definido como um lugar para todos da família virem e conversar sobre esses problemas."

Um professor da cidade de Nova York fundou a PFLAG em 1972 depois de seu filho ter sido espancado por seu gay. Hoje, a organização sem fins lucrativos possui mais de 350 centros nos Estados Unidos e no exterior. "Também ajudamos em todos os continentes a criar organizações como a PFLAG", diz Huckaby. Seus programas se concentram em oferecer apoio às famílias, educando as comunidades e defendendo as mudanças.

"As alianças entre pais e os membros e os heterossexuais têm as vozes mais poderosas no movimento", afirmou. "Se uma pessoa está disposta a se levantar e fazer a diferença", diz Huckaby, "tudo é possível".

Foliões com balões criam um arco-íris humano durante a 42ª Parada do Orgulho Gay anual de São Francisco em 2012. *© AP Images/Noah Berger*

Presidente Obama parabeniza Suzanne Swann, filha da fundadora da PFLAG, Jeanne Manford, na Casa Branca, antes de presentear a sua mãe, postumamente, com a Medalha Presidencial dos Cidadãos 2012, a segunda mais alta honraria civil do país. *© AP Images/Susan Walsh*

Reforçando os valores

Por último, diz Huckaby, a "PFLAG incorpora os melhores valores americanos – e esses são os valores da família. O que cria comunidades fortes? São famílias fortes."

Barnett concorda. A SMYAL está "ajudando a tornar real a promessa dos Estados Unidos" e está lutando por um futuro em que "todos teremos oportunidades iguais para perseguir os nossos sonhos".

"Todas as pessoas devem ser capazes de viver livres de medo", diz Huckaby. Entretanto, para os jovens LGBT ao redor do mundo, "o medo faz parte da sua vida diária. É o medo de seus pais descobrirem que são diferentes. É o medo da rejeição. É o medo de serem expulsos de casa e terem que viver nas ruas. Para os pais, é o medo de rejeição dos seus pares. É o medo no local de trabalho, de que não possam falar livremente sobre o fato de terem um filho ou filha gay, lésbica, bi ou trangênero. Temos a obrigação de falar de modo aberto e honesto sobre o que realmente significa viver com medo e fazer tudo o que pudermos para eliminar esse medo."

Entretanto, observa Huckaby, "não é apenas por que você aprova leis que os problemas vão desaparecer." Na verdade, diz Jensen, a simples tolerância é importante, mas "ela deve ser apenas um ponto de parada no caminho da inclusão, apoio, aceitação e afirmação totais."

Nesse meio tempo, diz Vartian, os campi, as organizações locais e nacionais são cruciais. "Há pessoas em todo lugar que querem se aproximar e fazer você se sentir seguro. Você tem apenas que ir até elas. Você tem apenas que recorrer a elas."

Publicado em março de 2013

DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS EUA
BUREAU DE PROGRAMAS DE INFORMAÇÕES INTERNACIONAIS